

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



A TEOLOGIA QUEER E O DIREITO A DEUS À FÉ E À CRENÇA: UMA NOVA PERSPECTIVA DO DIREITO HUMANO À ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO¹

Queer theology and the right to god to faith and belief: a new perspective of the human right to sexual orientation and gender identity

Marcela de F. M. Máximo Cavalcanti

Resumo

Tem-se questionado como a religião cristã hegemônica impõe um padrão sexual binário e, por consequência, delimita a liberdade de qualquer variação de desejo e prazer corporais. Todavia, não se leva em consideração que a imposição de determinado comportamento sexual é igualmente uma espécie de violação à liberdade religiosa. Outras perspectivas de fé, como, por exemplo, a Teologia *Queer*, tem-se mostrado um caminho de confronto e, ao mesmo tempo, de harmonização entre a sexualidade diversificada e o exercício da fé, mediante um projeto de superação da heteronormatividade (condição sexual fictícia), há muito imposta pelas muralhas sexuais da religião cristã, com a tentativa de ressignificar a sexualidade e o gênero. É o direito a ser *queer* e professar a fé com liberdade, incondicionada à orientação sexual e ao gênero do indivíduo. É a ressignificação da sexualidade e do gênero, com vistas a permitir o usufruto da liberdade religiosa, cuja proposta só pode se dar pela Teologia *Queer*.

Palavras-chave: Teologia. *Queer*. Religião.

Abstract

It has been questioned how the hegemonic Christian religion imposes a binary sexual pattern, consequently delimiting the freedom of any variation of desire and bodily pleasure. However, it does not take into account that the imposition of a certain sexual behavior is also a kind of violation of religious freedom. Other perspectives of faith, such as the Queer Theology, have shown themselves a way of confrontation and at the same time, of harmonization between diversified sexuality and the exercise of faith, through a project of overcoming heteronormativity (fictitious sexual condition), imposed long ago by the sexual walls of the Christian religion, as an attempt to resignify sexuality and gender. It is about the

¹ Trabalho como parte da pesquisa realizada em Dissertação de Mestrado na área do Direito, cujo título original foi: A Heteronormatividade como Violação do Direito Humano à Liberdade Religiosa. Professor-orientador: José Luiz Quadros de Magalhães.

right to be a queer and to profess the faith with freedom, unconditioned to the sexual orientation and the gender of the individual. It is a resignification of sexuality and gender, in order to allow the enjoyment of religious freedom, whose proposal can only be achieved by Queer Theology.

Keywords: Theology. Queer. Religion.

Considerações Iniciais

Um dos grandes conflitos gerados a partir dessa dita complexidade, trazida, notoriamente, pela conscientização política e jurídica, a partir da internalização das normas de direitos humanos, foi o conflito ascendido pela diversidade sexual e de gênero diante das instituições religiosas cristãs no Brasil, que, até então, emudeciam as relações sexuais “despadronizadas”, engendrando-as ao modelo heterossexual imposto.

A partir desse novo panorama e do avanço da luta por respeito, pela dignidade da pessoa humana e por igualdade sexual e matrimonial, a religião foi tida como a grande matriz violadora dos direitos humanos relacionados à diversidade sexual e de gênero. De posse da premissa fundamental de que foi na religião judaico-cristã, que permeia a história e a cultura da sociedade contemporânea, notadamente a brasileira, que se deu a incontestável origem do pensamento heteronormativo, imposto às relações políticas, sociais, familiares e principalmente sexuais, e da proposição de que o caminho de cerceamento da liberdade religiosa seria um caminho de reafirmação da discriminação, foi preciso buscar um novo método que conseguisse, pelo menos, repensar o modelo binário de sexualidade, numa perspectiva preferencialmente teológica.

As sexualidades não podem ser determinadas biologicamente, mas devem ser refletidas politicamente. Por isso, torna-se fundamental dissociar os argumentos conclusivos da religião cristã na determinação da heterossexualidade, das teologias sexuais, que surgem como uma forma de repensar esta imposição binária – masculino e feminino – pautada na construção cultural-histórico-religiosa, que foi fundamental ao desenvolvimento da sacralização dos corpos e brutal em ignorar o desejo. A Teologia *Queer* vem contestar a heterossexualidade como único fundamento epistemológico válido para a igreja cristã e considerar novas reflexões teológicas, a partir da compreensão dos sujeitos marginalizados de fora dela e, principalmente, dos sujeitos cristãos de dentro dela.

Esse novo paradigma teológico-religioso-filosófico poderá permear a juridicidade dentro dos Estados, no concernente à proteção sistemática dos direitos humanos, garantindo, de forma efetiva, a liberdade religiosa sob novo formato ideológico sobre a sexualidade não fixada e a liberdade de orientação sexual e de gênero livre para exercer a sua religiosidade sem a vigilância heteronormativa.

Nesse sentido, a proposta *Queer*, em campo teológico, aparece como uma espécie de instrumento de paz numa era histórica de contraposição entre religiosidade e direitos humanos, mostrando que esses dois discursos, em sua natureza, são indissociáveis. Por fim, a proposta do presente trabalho é discutir questões que envolvem a introjeção da heteronormatividade originária da religião cristã, bem como a sua contribuição para os direitos humanos, numa tentativa de ressignificar a sexualidade e o gênero, com vistas a permitir o usufruto da liberdade religiosa, cuja proposta só pode se dar pela Teologia *Queer*.

O desenvolvimento da Teoria *Queer*

Mesmo diante de tanta complexidade e de nenhum conceito ter sido patenteado definitivamente, nem mesmo os campos de atuação de ideias, ainda assim faz-se necessário discorrer brevemente sobre a origem da fórmula *queer*, bem como sobre o surgimento da Teoria que personaliza os novos movimentos surgidos nas últimas décadas. A temática *queer* aborda necessidade de mudanças estruturais e busca reorganizar o peso da imposição cultural /religiosa/política das práticas sexuais heterônomas.

A Teoria *Queer* surge precisamente como resultado de dinâmicas internas de crítica ao movimento gay e lésbica, há época denominações mais evidentes. A Teoria nasce para novas possibilidades para o desenvolvimento estruturado dos movimentos sociais, suas limitações e suas linhas internas que afetariam os movimentos tradicionais do novo movimento *Queer* que aparecia para reestruturar o modelo até então colocado.

Desde o princípio e até hoje a definição por natureza da Teoria *Queer* foi dificultada pela origem, pelas proporções alcançadas e pela diversidade de campos táticos, dentre eles o político, filosófico e acadêmico. Susana López, uma das pioneiras em trabalhar com a Teoria, expõe essa dificuldade dentro do espaço acadêmico:

Definir o que é a Teoria *Queer* tem sido um dos problemas que este campo de estudos e movimento social teve que enfrentar. A Dificuldade surge em primeiro lugar porque os próprios autores *Queers* não são claros na definição de seu próprio

trabalho em segundo lugar, porque as declarações dos princípios que teoricamente fundamentam a teoria *Queer*, depois de uma década de desenvolvimento, não foram cumpridos, o que gera certa confusão quando se tenta entender o que, no final, são as abordagens *Queer*. Há que se ter em conta também o fato de que, após anos de trabalho publicados, a expressão *Queer*, transportou-se da academia e do ativismo para se converter em uma expressão para um termo da moda usada entre outras coisas para vender livros, independentemente do seu conteúdo, de modo que, neste momento, muitos conceitos e ideias levam o adjetivo *Queer*².

A cultura patriarcal e a moralidade dela deduzida regem as relações humanas de poder, dentre as quais a sexualidade se destaca como a raiz para a manutenção desse conceito. A hibridação proposta pela Teoria é tida como a única forma de resistência contra as ideologias homogeneizadoras. Essa hibridação é um processo manejável e se utiliza, sobretudo, da faculdade de transgredir os limites, que se traduz pela fusão, a cada dia mais explorada pela militância política³.

Porém, após o avanço da Teoria *Queer*, surgiram sérias críticas ao seu desenvolvimento, a quem são de fato os seus destinatários e o que de fato se pretende com os seus postulados. A crítica que se faz, é que a teoria é inerentemente defeituosa porque não há espaço nela, real, para as margens da sociedade, o que ignora o ser grosseiramente que o ser humano é um ser social por definição.

Desenvolver uma investigação social implica numa dupla hermenêutica pela qual se explica e se compreende o que os atores sociais explicam e assim compreendem. Mas esta relação de conhecimento deve basear-se em uma interpretação conversacional/dialogal, que não a submeta a uma violência de método⁴.

As principais críticas são arguidas pelas transexuais e transgêneros, dentre as quais se destaca uma dita por uma das principais ativistas e teóricas travestis, Lohana Berkins, em que se destaca que ela não vem de nenhuma “travestilândia”, para ironizar a imagem de um mundo excessivamente codificado, criado em boa medida pelos investigadores, e no qual abunda a generalização e a reificação do fenômeno que pretendemos ver⁵.

Para Diego Falconi, a Teoria *Queer* tanto como construção anglo-saxão/estadunidense, tem sido posta em dúvida por diversos e distintos teóricos sobre o

² PENEDO, Susana Lopes. *El labirinto queer: la identidad en tiempos de neoliberalismo*. Barcelona, Madrid: Egales, 2008, p. 17. (Tradução nossa)

³ PENEDO, 2008, p. 52.

⁴ HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs e mujeres: la reinvención de la naturaleza*. Madrid: Cátegra, 1995, p. 23.

⁵ BERKINS, Lohana. Un itinerário político del travestismo. In: MAFFIA, Diana. *Sexualidades migrantes: géneros y transgenero*. Buenos Aires: Librería das Mujeres, 2009, p. 147.

tema, especialmente na América Latina, onde realizam suas críticas em diferentes níveis de intensidade⁶.

O cerne do problema que nasce com o que é *queer* é justamente identificá-lo como *queer*. Dar um novo nome de destaque para um grupo determinado que já era revestido de nomes que os definiam, e já eram destaque, consiste na maior problemática enfrentada pelos objetos de estudos *queer*, os *queers*. Mudar o significado da expressão *queer*, para passá-la da significação do que era considerado abominável, para o que é hoje uma modalidade de ser sexual ou de simplesmente não ser nada pré-determinado, sem alterar os significantes, não permite inclusão e sim nova modalidade de exclusão. São corpos que se recusam a serem subalternizados, novamente, e que requerem um diálogo maior entre as esferas políticas e religiosas, a fim de que não necessitem mais serem nomeados, como sempre o foram em nome dessas instituições.

O problema que se auge das críticas ao movimento *queer*, em que se pese toda sua importância científica e acadêmica para o aprofundamento, e, por que não, para um desenvolvimento mais profundo da Teoria *Queer*, é que inexistente uma proposta distinta para substituição do único modelo teórico que conseguiu estimular o pensar no outro despadronizado, mesmo que para, novamente, enquadrá-lo em um novo espaço de distinção social. Nenhum dos críticos mencionados acima propôs algo que venha a substituir a proposta *queer*. Retiveram-se apenas a apontar suas lacunas, sem, contudo, preenchê-las.

A Teologia *Queer* como modalidade de desconstrução da heteronormatividade

Para aqueles que já experimentaram o mistério que se chama Deus, sabe-se que Ele não proporciona apenas um caminho de ascensão ao seu encontro, tudo é caminho e cada ser se faz sacramento para se dignar a esse encontro. A teoria do único caminho é a ilusão ocidental, particularmente das igrejas cristãs, com sua pretensão de monopolizar a revelação divina dos meios de salvação e reafirmar a segregação religiosa. Na verdade, sempre quando falamos do misticismo bíblico e tudo que se refere a ele, como a ciência Teológica, nos deparamos com distintas reações, atualmente mais contrárias do que a favor. Por ser a bíblia vista como uma forma de manipulação e poder que insere valores morais

⁶ TRAVÉZ, Diego Falconi. La leyenda negra marica: una crítica comparatista desde el sur a la teoría *Queer* hispana. In: TRÁVEZ, Diego Falconi; CASTELLANOS, Santiago; VITERI, María Amelia (Eds.). *Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el sur*. Barcelona: EGALES, 2014, p. 101.

rígidos e inflexíveis através das instituições eclesíásticas, posicionamento equivocado e reducionista que desperta sentimentos relutantes e negativos, é o que faz surgir sentimentos de oposição entre bíblia e ciência, que herdamos de nossa sociedade culturalmente voltada à racionalidade.

É nesse contorno que a importância de se ter uma ciência teológica que apesar de se prender ao estudo de religiões cristãs, se presta ao importante papel de tentar tornar científica algumas premissas bíblicas, interpretá-las e significá-las de modo a compreender melhor as suas bases culturais, a relação do homem com o mundo ao seu redor a partir de seu paradigma espiritual, uma espécie de “antropologia sobrenatural”.

A crença emerge como força propulsora da natureza humana tentando explicar a origem da vida e da morte que nos impele à obediência e, logo após, à transgressão. Contudo, a Teologia possui conhecimento próprio de mundo e de vida e implica uma elucidação ordenada da “Revelação”, através da qual se pretende definir a sexualidade humana, no seu sagrado, se houver, ou no seu profano, se quiser.

A Teoria *Queer*, por sua vez, surgida inicialmente no pólo extremo da Teologia, e apesar de possuir diversas linhas de estudo, será utilizada aqui como aquela que pretende desconstruir a explicação teológica das produções culturais normativas que oprimem outras formas de sexualidade e excluem a diversidade sexual que afetam as relações de gênero, de família e por consequência a sua interação com as expressões religiosas cristãs. A partir desse escopo teórico, as questões de gênero e sexualidade ganharam reconhecimento e centralidade, especialmente no contexto eclesástico que se movimentaram contra numa tentativa expurgar o pecado da imoralidade sexual atribuída aos homossexuais.

Cientes de que o gênero, a raça e a consciência homogênea foram alcançados através do processo histórico permeado pelas experiências religiosas cristãs, especialmente no que concerne a sexualidade humana, a Teoria *Queer* surge como uma hipótese de hibridação do sexo e do gênero contra as ideologias homogeneizadoras, que transgride e desestabiliza os limites que dividem o normal do que é considerado desviado, mau, pecaminoso, e se organizou como um pensamento desconstrutivo da heteronormatividade, fruto da base cultural judaico-cristã.

Sem negar a religião, a ciência Teológica será lida e interpretada num clima de profunda revisão das coletividades com uma forma didática de apropriação da análise sociológica, a Teoria *Queer*. Essa união pretende pacificar as militâncias políticas, em suas

distintas modalidades, e a religiosidade intrinsecamente humana, sem obstruir a expressão religiosa e sem codificar a diversidade da expressão sexual, ambos direitos humanos garantidos. Desse modo não precisamos negar os dogmas ou tradições religiosas, mas reinterpretá-los, contextualizando os seus sentidos e valores diante das novas circunstâncias do mundo contemporâneo:

É preciso dar máxima importância ao fato de que vida sobrenatural se insere necessariamente em uma consciência humana pessoal, a qual conserva relações profundas com o ambiente social, cultural e histórico em que se move toda pessoa que busca crescer segundo os diversos níveis da própria existência concreta. A vida espiritual do homem é sempre vida de um homem concreto com sua história, suas capacidades, seus limites, e cuja formação depende de inúmeros fatores⁷.

Estamos inseridos, atualmente, num momento histórico permeado por ressignificações de velhos conceitos e, por isso, de enfrentamento de velhas ideologias que não mais são admitidas como fundadoras da moral e da ordem social imposta. Uma delas é a liberdade religiosa que encontra na pós-modernidade uma força propulsora que a obriga a se remodelar e a repensar suas rígidas doutrinas, especialmente no que diz respeito à sexualidade humana e à inevitável diversidade de tendências sexuais dela decorrentes. É nesse atual contexto, que surge o conflito entre a liberdade de consciência religiosa, utilizada de forma equivocada pelas religiões cristãs, e a liberdade de orientação sexual e de gênero, que após sofrerem décadas de exclusão social e jurídica, ainda precisam enfrentar a ingerência cristã na perpetuação dessa marginalização fruto de seus dogmas e princípios irrevogáveis. Ambas as liberdades foram construídas sobre muita perseguição, discriminação, como resultado de grandes revoluções políticas e sociais, e se estabeleceram como um direito humano irrevogável. Mas, mesmo considerando seus pontos de congruência e a similitude entre as bases de suas conquistas históricas, não conseguem encontrar uma forma de conviver pacificamente.

Quando a Bíblia fala da homossexualidade na antiguidade ela não se utiliza precisamente dos elementos que possuímos hoje a respeito desse complexo fenômeno humano, tampouco ousa considerar a possibilidade de viver a homossexualidade como parte integrada da humanidade. Ao contrário, como já vimos, os textos bíblicos se referem sempre à formas sexuais distintas da heterossexual como desviantes e de modo pejorativo.

⁷ SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSK, J. *História dos dogmas*. Tomo I. O Deus da salvação: (Séculos I a VIII). São Paulo: Loyola, 2002, p. 91.

De posse dessa atual performance da igreja cristã na sociedade, as manifestações da população LGBTQI⁸ cresceram consideravelmente de modo a impedir que esse discurso religioso cristão, que pecaminiza as relações sexuais e os modos de se ver pessoa integrada (gênero), não heteronormativas, seja difundido de modo irreversível.

Quando se permite um entendimento maior dos significados religiosos em nossa enculturação ocidental, é possível combatê-los de dentro da própria religião. Com a passagem bíblica onde Jesus, diante da legalidade dos judeus sobre o adultério, prescreve que adular é mais do que o ato de fazer, mas é também o ato de pensar, demonstra a tentativa de rompimento do cristianismo com círculo vicioso da proibição que gera o desejo de transgredi-la, o mesmo círculo descrito em Romanos 7:7: “Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum. Mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás.” (Rm, 7,7). Jesus rompe, na verdade, com o padrão de controle institucional sobre os instintos e outorga liberdade ao indivíduo de tomar conta da sua própria liberdade e decidir sobre ela, e, não reforça, ao contrário, a força legalista e controladora judaica sobre a sexualidade. “A suspensão superegóica das proibições morais é a característica crucial do nacionalismo ‘pós-moderno’ de hoje [...] onde o fundamentalismo nacionalista serve, antes, como operador de um ‘você pode’ secreto e mal dissimulado.”⁹

Quando o Outro, por motivo de gênero, raça, classe ou sexualidade, surge na sua alteridade, não apenas traz uma crítica à atual teologia, mas também, personifica uma crítica viva à ortodoxia religiosa, ou seja, “os historicamente insignificantes - os que não são dignos de significar social, política ou teologicamente -, constituem o horizonte revelatório da igreja e a Revelação é uma questão epistemológica.”¹⁰

O reconhecimento no Outro sob uma perspectiva sexual como uma pessoa com igual dignidade e direito ao respeito e consideração leva à necessidade de construção de novos paradigmas religiosos cristãos, com vislumbre no acolhimento integral de todos que desejem expressar sua fé, para uma nova constituição originária de formas sexuais diversas, distintas da heteronormatividade, de se relacionar, cujos comportamentos afetivos não

⁸ As iniciais significam, atualmente, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e travestis, Queers e Intersexuais.

⁹ ZIZEC, Slavoj. *O absoluto frágil ou porque vale a pena lutar pelo legado cristão?* Trad. Rogerio Bertoni. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 95.

¹⁰ ALTHAUS-REID, Marcella Maria. Sobre Teoria Queer e Teologia da Libertação: a irrupção do sujeito sexual na teologia. In: *Concilium: Revista internacional de teologia*, no. 324. Petrópolis: Biblioteca Redentorista, 2008, p. 107.

venham condicionar sua relação com Deus. Para Zizec o princípio cristão do amor é o condicionamento razoável para o verdadeiro exercício do cristianismo, subvertido pelos fundamentalistas:

Em termos lacanianos, a diferença entre idealização e sublimação é a mesma: a falsa idolatria idealiza, fecha os olhos para as fraquezas do outro- ou melhor, fecha os olhos para o outro como tal, usando o ser amado como uma tela branca sobre a qual ela projeta suas próprias construções fantasmagóricas; já o verdadeiro amor aceita o ser amado como ele é, simplesmente colocando-o no lugar da Coisa, do Objeto incondicional. Como sabe todo verdadeiro cristão, o amor é o trabalho do amor- o trabalho árduo e difícil do repetido 'desacoplamento', em que, o tempo inteiro, temos de nos desprender da inércia que nos obriga a nos identificarmos com a ordem particular em que nascemos. Pelo trabalho cristão do amor compassivo é que percebemos naquilo que era até então um corpo estranho e importuno, tolerado e até moderadamente suportado, de modo que não nos importunava muito, um sujeito com sonhos e desejos destruídos- é essa a herança cristã do desacoplamento que é ameaçada pelos fundamentalistas atuais, sobretudo quando se proclamam cristãos¹¹.

É o fundamentalismo cristão que se apropria de conceitos equivocados para gerar discriminação e expurgação, que subverte o sexo enquanto desejo e realização corporal e espiritual como condenação. Mesmo na condição heterossexual performática da bíblia o sexo era somente admitido para a reprodução ou para alguma satisfação masculina. Mas o que não se sabe é que o prazer sexual, seja apostado a quem quer que seja, encontra no gozo pleno da espiritualidade a sua maior expressão e, é na sexualidade experimentada integralmente que se tem o maior êxtase espiritual entre o terreno limitado e o divino ilimitado. A pulsão espiritual é também sexual, pois a realização plena do indivíduo na sua espiritualidade só pode se dar se houver o esgotamento sexual. A busca pela continuidade da vida humana para além do mundo imediato designa uma maneira de proceder essencialmente religiosa; dentro da forma familiar ocidental o erotismo sagrado se confunde com a busca pelo amor de Deus. A pulsão sexual nada mais é que a pulsão pela espiritualidade, pelo mistério de Deus, ambos andam de comum acordo e fazem parte da maior aspiração do homem: a sua integralidade e sua continuidade. A pecaminização do prazer sexual dentro dos padrões heteronormativos, e principalmente, desse prazer fora do padrão cristão imposto para além da conjugalidade adâmica, subverte o objetivo da formação humana na sua origem: sexualmente espiritualizada. A humanidade da criação só pode ser humana se for sexual mais do que categorizada por arquétipos de sexo e gênero. A

¹¹ ZIZEC, 2015, p. 115.

igreja sempre se ergueu como expressão dessa a violência religiosa que ainda emoldura de malignidade a diversidade sexual por não conseguir compreendê-la definem as pessoas de acordo com a sua teologia do pecado e redefine o lugar solitário daqueles que contrariam suas regras.

Essa compreensão pode alterar fundamentalmente a consciência religiosa sobre a abrangência do desejo sexual para além da heterossexualidade e desconfigurá-lo como “pecado”. Da mesma forma que a religiosidade extraiu de suas próprias proibições o espírito de transgressão, ela se opõe a esse espírito transgressor. A partir desse desenvolvimento religioso cristão que transgride é que se deu essa oposição relativa, a mesma técnica que a Teologia *Queer* utilizará.

O sujeito sexual sempre foi insignificante para a que nunca pensou em se desenvolver numa perspectiva sexual. Por isso, a igreja nunca se prendeu a uma reflexão séria sobre o tema por medo de que ter que levar a sério os sujeitos sexuais na história e o controle do comportamento heterossexual e a atribuição dos papéis de gênero foram desenvolvidos durante muito tempo na igreja que se serviu bem a esse propósito¹². A heterossexualidade foi a forma encontrada de significação da sexualidade dentro do cristianismo mais legitimada e disfarçada para excluir os “diferentes”, os “estranhos” e todos aqueles que não conseguiam se enquadrar nesse formato: o que atualmente conhecemos como *queers*.

Os *Queers*, como visto, antes assim marcados como expurgos da sociedade, estranhos (à normalidade), decidiram se reapropriar desse significado e torná-la um símbolo de resistência, dando origem a uma das mais modernas teorias que pretendem desmistificar o sexo e o gênero, a Teoria *Queer*, responsável pela superação do enquadramento heterossexista e criação de um pensamento político voltado para a crítica da ordem social e da ordem sexual. A criação de uma nova identidade religiosa para a diversidade de gênero e sexo tornou-se emergente para alargar a compreensão da sexualidade e do gênero, suas articulações, de modo a ser enfrentada pela Teologia como um paradigma sexual. Essa Teologia não poderia ser voltada somente para questões sexuais, mas a própria desconstrução da heterossexualidade invoca também o olhar sobre questões políticas e sociais sustentadas pela religião e combatidas pela Teoria *Queer*, que analisa não somente a

¹² ALTHAUS-REID, 2008, p. 107.

construção do gênero, mas também da sexualidade como produções ideológicas. Logo, se a heterossexualidade revela-se como uma produção ideológica e história construída culturalmente, a teologia, como parte da história cultural cristã ocidental, tem o dever de enfrentar as suas significações, percorrer e reler o caminho da sexualidade humana construído por ela.

O problema é que a Teologia não está acostumada a lidar com um sujeito instável, ao contrário, comporta-se como uma ciência jurídica, onde as exceções não são viáveis. Isoladamente não seria capaz de compreender a diversidade sexual, colocar a complexa sexualidade humana de volta na pauta da religião cristã e de confrontar as premissas da heterossexualidade principalmente nas definições de gênero, pois “gênero requer crença: não causa surpresa que a descrença no gênero esteja na base de muitos pecados.”¹³ Mas, a Teoria *Queer* se permitiu esse confronto. Ao se apropriar dessa instabilidade ela rompe com as barreiras das leis escritas que modulavam as identidades sexuais e se recusa a admitir quaisquer identidades homogêneas à opções sexuais diferentes e com os gêneros ensaiados.

Nasce então, como hipótese de rejeição às formas naturalmente impostas de (hétero)sexualidade, a fusão entre a reflexão teológica, por se considerar a fixação do sexo e do gênero fruto da religião judaico-cristã, e a perspectiva desconstrutiva *queer*, tão abrangente quanto as formas de desejo e sexo existem: a Teologia *Queer*, que pode ser considerada como um “complexo resultado de uma reflexão teológica que considera aquilo que as diferentes construções da sexualidade e do gênero têm a dizer sobre nossa compreensão de Deus, do amor e da comunidade.”¹⁴ Nesse escopo, a Teoria *Queer* fornece dados importantes à Teologia como a reflexão sobre o pressuposto da heterossexualidade como uma identidade sexual universal e estável, “parte de uma ordem (sacralizada) natural” e de que a “percepção hegemônica da identidade sexual contribuiu, ao longo da história, para consolidar estruturas opressoras de relações de poder na igreja e nas teologias cristãs.”¹⁵

A Teologia gay e hoje a *Queer* identificam a heterossexualidade como uma ideologia que contribuiu muito não só para criar uma estrutura de violência, mas também para ignorar a experiência religiosa dos não-heterossexuais, que perseguiam o direito de exercer sua fé e

¹³ ALTHAUS-REID, 2008, p. 106.

¹⁴ ALTHAUS-REID, 2008, p. 110.

¹⁵ ALTHAUS-REID, 2008, p. 110.

crença publicamente, mesmo não compactuando com o modelo normativo sexual imposto por elas. Se a homossexualidade é tão inventada quanto a heterossexualidade e por ela também formatada, esta só existe pela repugnância àquela, logo ambas não são categorias fixas da natureza biológica humana, mas invenções culturais religiosas, o que permite a confluência de inúmeras outras identidades não-heterossexuais. É nesse momento que se dá a ruptura entre os fundamentalistas cristãos e os cristãos desacoplados de Slavoj Zizec. A solidificação da Teologia *Queer* como uma nova forma religiosa de fé cristã que visa o desencobrimento da diversidade sexual e a eleva ao maior nível de espiritualidade como uma das formas de demonstração da existência de Deus só poderá se dar pelo “desligamento” presente nos ensinamentos de Cristo que considera o “núcleo subversivo do legado cristão como base de uma política de emancipação universal” e critica o violento ataque pós-moderno de uma espiritualidade vazia e raivosa:

A resposta é que o ‘desligamento’ cristão não é uma postura contemplativa interior, mas sim o trabalho ativo do amor que necessariamente leva à criação de uma comunidade alternativa. Além disso, em claro contraste com o ‘desligamento’ carnavalesco fascista das regras simbólicas estabelecidas, que funciona como transgressão inerente da ordem simbólica, o desacoplamento cristão propriamente dito suspende não tanto as leis explícitas, mas seu obscuro suplemento espectral implícito¹⁶.

A proposta da Teologia *Queer* é interromper a lógica circular do preconceito e da discriminação demonizada da sexualidade “anormal” para o restabelecimento do equilíbrio espiritual pelo amor de Cristo mantendo a liberdade de escolha de qualquer expressão religiosa. O “desacoplamento” cristão propõe uma morte simbólica para a Lei, pela subversão da “palavra de Deus”, para o que é teoricamente obrigatório na ordem divina, e um renascimento de dentro da mesma ordem subvertendo-a (atirar em si própria) para que as premissas cristãs possam de fato ressurgir como um elo de religamento religioso e não o contrário. A Teologia *Queer* visa não só uma nova conceitualização da sexualidade sob a perspectiva religiosa, retirando-lhe o caráter maligno, mas também, recolocar o gênero num espaço de indefinição, o que só pode ser feito se a masculinidade de Deus for revista. Não só para isso, mas redefinir o gênero de Deus é uma forma também de questionar o domínio do androcentrismo e as metáforas patriarcais sobre todos os modos de vida, herdado da história da religião cristã. Evidentemente, inexitem metáforas capazes de designar o gênero

¹⁶ ZIZEC, 2015, p. 117.

ou o sexo de Deus, cuja complexidade é inerente ao caráter de qualquer divindade criada. Mas, repensá-la permite novas maneiras de captar a realidade do verdadeiro elemento divino e enriquecer a sua ingerência na história da sua relação com a humanidade.

Se a heterossexualidade é, de fato, um construto religioso judaico-cristão, inferido ao homem na história pelas tradições culturais ocidentais e consolidado pela perpetuação da ingerência negativa da igreja nas relações sociais e jurídicas da sociedade, é preciso restabelecer o modo de exercer essa religiosidade subvertendo sua ordem natural de dentro dela, pelo “desacoplamento” cristão, utilizando-nos do conceito *queer* sobre as questões teológicas de sexualidade. Assim torna-se urgente que “a Teologia passe a confrontar hermeneuticamente com a irrupção do sujeito sexual na história da mesma forma como os liberacionistas se confrontaram com a irrupção da igreja dos pobres ou dos desgraçados da história.”¹⁷ Não há espaço para desconstruirmos, a partir de uma hermenêutica/teológica/antropológica, a homossexualidade enquanto pecado e desestruturar esse construto equivocado da religião cristã, como idealizei, pois este trabalho pertencendo à ciência jurídica não se interessa por esse projeto. Mas, fica a pergunta que poderá impelir a um pensamento transgressor da ordem heterossexual comprovadamente imposta pela moral judaico-cristã: como um Deus, uma criação divinizada para dar forma às hipóteses do bem e do amor ao próximo, pode ser tão esquisito e contraditório, para criar seres humanos, propositalmente, como uma pulsão natural para descumprir seu desígnio sexual heteronormativo e transgredir sua Lei? É essa contradição que, infelizmente, ainda sustenta a fé do cristianismo: a capacidade que ele tem de criar a moral para gerar o desejo de transgredi-la.

A Teologia tradicional reafirma a transcendência divina no topo da relação com o homem e distancia a criatura do criador, sem autoredenção, sublinhando a onipotência de Deus e tornando-o regulador da conduta humana, da sua sexualidade e principalmente de todas as relações de poder existentes dentro da sociedade. A Teologia *Queer* irá colocar essa Teologia e, por resultado, as igrejas cristãs do século XXI em crise, pois ela resiste a definições simples e rígidas e fez a opção por lançar seu olhar para a margem da heterossexualidade e como tal se mostra como uma teologia desconstrutivista, que questiona o sistema da lógica binária do cristianismo, ressignificando todas as estruturas de

¹⁷ ALTHAUS-REID, 2008, p. 107.

pecado existentes: é, pois, deixar Deus ser muito mais do que nossas bestas ideologias que o tem aprisionado, ao longo do curso da história, a partir de nossas percepções de sacralidade.

O “desacoplamento” Cristão se dá pelo religamento espiritual genuíno e é justamente a maneira de combater a exclusão e o exercício distorcido da fé cristã retomado pela igreja primitiva¹⁸. É ressuscitar o verdadeiro propósito da origem da crença cristã que é capaz de ser *Queer* e lançar sua policromia deificada sobre a sociedade que é plural, dinâmica, histórica e diversificada, sobre todos os povos e nações, independente de padrões normativos, especialmente quando esse formato é utilizado na produção de leis dentro do Estado, constitucionalmente laico.

É preciso desmascarar as ideologias sexuais presentes na teologia que tanto fomentam as disputas de poder e criam obstáculos à realização plena da religiosidade e da sexualidade, pela própria teologia. A Teologia *Queer* é a prova de que é mais perturbador aceitar a existência de Deus, e, ao mesmo tempo, produtivo, reconfigurar a religião a partir dela própria, revelando a possibilidade de um novo paradigma religioso, de fé e de crença. A Teologia *Queer* é, por fim, um método conciliatório entre religiosidades, espiritualidades e sexualidades.

Considerações Finais

É para tantos cristãos que ousaram retomar o controle da sua sexualidade, da sua corporeidade, e de seus mais profundos desejos, audaciosamente, pela corrente e inadiável necessidade de se tentar demonstrar que a diversidade sexual e de gênero não afrontam a Deus e não podem legitimar ações de repúdio da igreja, que a Teologia *Queer* se molda. Paradoxalmente, se molda, para que o legado do cristianismo possa ser retomado por todos quantos sentem possuir o direito à fé e crença cristãs.

A construção cultural-histórica-religiosa foi fundamental ao desenvolvimento da sacralização dos corpos e à institucionalização do modelo de família advindo das tradições judaico-cristã heteronormativas, eurocênicas e androcênicas. Esse formato binário representado pela masculinidade atribuída a Deus como “pai” é a metáfora que está intimamente ligada com o desenvolvimento de uma estrutura eclesiástica centrada no homem, neste caso no pater famílias, seguindo, desta forma a estrutura social, política e

¹⁸ ZIZEC, 2015.

econômica do oikos (casa) greco-romano dos primeiros séculos da Era Cristã¹⁹ e é de posse dessa projeção que a não heterossexualidade pós-moderna se torna o pecado (mal) principal do homem e fruto de perseguição religiosa em pleno século XXI. Em uma missão com raros precedentes teológicos, que visa incorporar à fé e à crença no Deus cristão o direito de liberdade de escolha sexual e a diversidade de identificação de gênero, não somente de modo inclusivo, mas realocadas no âmbito religioso cristão, vistas como parte legítima do corpo de cristo. Livres de toda condenação sexual veiculada pela religião cristã.

A heteronormatividade impede o pleno exercício indiscriminado da religião cristã por todos aqueles que a buscam. A revelação trazida pela Teologia *Queer* nos apresenta o Rosto “policrômico” de Jesus, colorido, diversificado, que reflete a pluralidade da humanidade, que representa a multidão de aspirações, e não o rosto monocromático, excludente e discriminatório, unilateral, tendencioso, que tentam atribuir a Ele, um rosto de uma só cor, de uma só forma, que represente e reflita apenas um determinado grupo ou nação, ou apenas uma “moral”. Não pertence ao legado cristão da era primitiva, na forma nebulosa como se encontra hoje. Sempre quando definimos uma forma fixada para um símbolo religioso, automaticamente excluimos todos os demais que não se identificam com a forma imposta. Por isso, o cristianismo atualmente se vale da forma monocromática de Jesus que reflete sua luz somente sobre um determinado grupo de pessoas “eleitas”, “escolhidas” por Deus desde a fundação do mundo, e que seguem os padrões legalistas criados pela ordem eclesiástica, sem os quais não haveria significado na fé.

Assim, não é proposta deste trabalho esgotar as discussões que envolvem a questão *queer* na sua forma teológica, mas reconstruí-la como uma nova forma metodológica de pensar a teologia para além das identidades de sexo e gênero, subvertendo o *Opus Dei* e a fé cristã que deixa de ser a categoria máxima da imposição sacralizadora do sexo heteronormativo. A Teologia *queeriana* vem reinterpretar a alternatividade das sexualidades humanas e sua acomodação ao cristianismo.

Toda essa alteração se insere numa perspectiva que busca interagir a religiosidade e a sexualidade ressignificando a fé cristã numa fusão sexual *queer* para deixarem a ambiguidade, onde um termo invariavelmente exclui o outro. Nesse sentido, a proposta

¹⁹ MUSSKOPF, André Sidnei. Deus é pai ou mãe: uma reflexão. *Revista do Instituto Humanistas-Unisinos On Line*, São Leopoldo, Ano 8, no. 230, 06 ago. 2007. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1189&secao=230>. Acesso em: 20 nov. 2015, p. 1.

queer em campo teológico aparece como uma espécie de instrumento de paz numa era histórica da religiosidade em contraponto aos direitos humanos, e que, portanto, os tornam indissociáveis.

A Teologia Queer é o verdadeiro símbolo do “desacoplamento cristão” de Slavoj Zizec: o legado do cristianismo que nos foi deixado, precisa ser recuperado. A sexualidade será apenas uma via de ressurgimento dos verdadeiros valores cristãos. É o rosto policrômico de Jesus, a sexualidade *Queer* de Deus e o não-gênero do Espírito Santo - é a revelação da santa Trindade, fundamento modulador da religião cristã, que mais nos dá prova da não-heteronormatividade, do poli-amor de Deus

Referências

- ALTHAUS-REID, Marcella Maria. Sobre Teoria Queer e Teologia da Libertação: a irrupção do sujeito sexual na teologia. In: *Concilium: Revista internacional de teologia*, no. 324. Petrópolis: Biblioteca Redentorista, 2008.
- BERKINS, Lohana. Un itinerario político del travestismo. In: MAFFIA, Diana. *Sexualidades migrantes: géneros y transgenero*. Buenos Aires: Libreria das Mujeres, 2009.
- HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs e mujeres: la reinención de la naturaleza*. Madrid: Cátegra, 1995.
- MUSSKOPF, André Sidnei. Deus é pai ou mãe: uma reflexão. *Revista do Instituto Humanistas-Unisinos On Line*, São Leopoldo, Ano 8, no. 230, 06 ago. 2007. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1189&secao=230>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- PENEDO, Susana Lopes. *El labirinto queer: la identidad em tempos de neoliberalismo*. Barcelona, Madri: Egaes, 2008.
- SESBOÜÉ, Bernard; WOLINSK, J. *História dos dogmas*. Tomo I. O Deus da salvação: (Séculos I a VIII). São Paulo: Loyola, 2002.
- TRAVÉZ, Diego Falconi. La leyenda negra marica: una crítica comparatista desde el sur a la teoría *Queer* hispana. In: TRÁVEZ, Diego Falconi; CASTELLANOS, Santiago; VITERI, María Amelia (Eds.). *Resentir lo queer en América Latina: diálogos desde/con el sur*. Barcelona: EGALES, 2014.
- ZIZEC, Slavoj. *O absoluto frágil ou porque vale a pena lutar pelo legado cristão?* Trad. Rogerio Bertoni. São Paulo: Boitempo, 2015.